



## DANILA CORREIA BENITEZ: Memória de uma mulher de rua

LOPES, Eliete Borges<sup>1</sup>

PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio<sup>2</sup>

SCUDDER, Priscila de Oliveira Xavier<sup>3</sup>

### Resumo:

Destinamos este escrito em nome e em memória de Danila Correia Benitez a todos(as) aqueles que sofrem. Nossos sentires em torno das mulheres em situação de rua estão aqui neste texto como uma preocupação sobre a violência sistêmica empenhada contra o corpo feminino na cultura brasileira, assim, sem querer explorar a dor e o desespero de Danila nos colocamos como mulheres em função das memórias de outras mulheres.

**Palavras chave:** Danila, memória, situação de rua.

### Abstract:

We assign this writing in the name and in memory of Danila Correia Benitez to all those who suffer. Our feelings about street women are here in this text as a concern about the systemic violence committed against the female body in Brazilian culture, so, not wanting to explore the pain and despair of Danila we put ourselves as women because of the memories of other women.

**Key words:** Danila, memory, street situation.

### Resumen:

Se trata de este escrito en nombre y en memoria de Danila Correia Benítez a todos los que sufren. Nuestros sentimientos en torno a las mujeres en situación de calle están aquí en este texto como una preocupación sobre la violencia sistémica empeñada contra el cuerpo femenino en la cultura brasileña, así, sin querer explotar el dolor y la desesperación de Danila nos colocamos como mujeres en función de las memorias de otras mujeres.

**Palabras clave:** Danila, memoria, situación callejera.

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Professora efetiva da rede básica de ensino do Estado de Mato Grosso (SEDUC) - E-mail: teseelite@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Geografia. Professora Adjunta da UNEMAT em Metodologia Científica. Líder do Grupo de Pesquisa: Laboratório de Estudos e Pesquisas da Amazônia Legal - E-mail: leal@unemat.br

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora da UFMT – Campus de Rondonópolis - E-mail: @ufmt.br



## Introdução

### I

Vamos tratar das questões de gênero, justiça e patriarcado como forma de circunscrever um átimo da vida de Danila na cultura de violência que circunda todas nós enquanto mulheres, mas principalmente a vida das mulheres em situação de rua. Danila, mulher moradora em situação de rua que se suicidou frente à descoberta de que possuía uma série de doenças, dentre elas, cirrose.

Cheirosa, mulher moradora de rua que morreu de mal súbito dentro de um supermercado na mesma localidade onde morreu Danila (LOPES et ali, 2018).

Maria, mulher moradora de rua que mora na rua com seus dois filhos e vive de guardar carros com os restos de papelão de uma loja.

Samara, mulher moradora de rua, amiga que dividia a vida com Danila. Ingrid, mulher moradora de rua também amiga de Danila. Ambas velaram a amiga Danila entre choros, gritos e fumaça de crack. Ainda vivem no Beco do Candeeiro.

Tereza, mulher moradora de rua, que com perna amputada vive no morro da luz. Foi presa por tráfico e solta pelo estatuto do idoso.

### II

Todas essas mulheres moram no mesmo lugar: as ruas do centro da Cidade de Cuiabá, com exceção de Maria que mora no Boa Esperança – Região do Coxipó, relativamente distante do centro. Uma onda de auto-organização feminina caminha junto aos ditames do neo-conservadorismo. Estes ditames neo-conservadores, machistas e misóginos estão incrustados na cultura e mais, são demasiadamente conhecidos pois se fazem massificar pelas mídias e pelo próprio fazer diário, as discriminações em torno do gênero feminino repetem-se quase que infinitamente, e os costumes provocam uma espécie de naturalização e banalização daquilo que em suma se deveria questionar parte a parte, essa naturalização chamamos de cultura e por isso dizemos que no Brasil a cultura machista está acima da lei e da legalidade.

A maneira como atuam os agentes anti-pedagógicos, como as mídias e os costumes traz à tona não apenas os preconceitos nos níveis de discursos, estes são



de certa forma e até certo ponto combatíveis, porém os níveis de ação endossados pelo discurso são por vezes o campo onde perdemos as batalhas.

Dizemos isso tendo em vistas do número de assassinato de mulheres, da quantidade de agressões a estas direcionadas, da quantidade de estupros, feminicídios e violência contra crianças do sexo feminino.

Temos um agravante a mais quando se trata de violência contra mulheres, o fato de que uma parte dos crimes fica no âmbito do privado. O Brasil tem liderado *rankings* internacionais de violência contra as mulheres e o Mato Grosso de igual maneira tem liderado em terceiro lugar o *ranking* nacional de violência contra as mulheres e de feminicídio, só este dado já diz muito sobre o que acima contextualizamos.

A mulher brasileira além de ganhar menos que os homens, desempenha dupla ou tripla jornada de trabalho e sofre com o machismo e a misoginia que a transforma em vítima de um sistema de desigualdades que ela pode inclusive reproduzir se não for bem instruída, e ainda assim, fatores emocionais e econômicos tendem a deixar as mulheres em condições de submissão ora por aspectos subjetivos, ora por aspectos financeiros de manutenção de sua própria vida e/ou de sua prole.

É certo que os tipos de violências são muitos, e quando se cruzam diferentes aspectos da vida social na figura de uma única mulher os sofrimentos e opressões tendem a ser de vários âmbitos de maneira que a mulher brasileira pode estar marcada tanto pelo gênero, quanto pela cor, classe social, lugar geográfico, biotipo e sexualidade, acrescente-se a isso o fato de ela não possuir moradia e teremos uma pessoa carregada de um fardo social absolutamente pesado, e uma história que possivelmente será marcada por violências, como o caso das mulheres moradoras de rua.

Ser mulher sob tais condições gera consequências trágicas e muitas vezes quadros irreversíveis de dores e mortes.

A justiça ainda possui a marca masculina, ainda incorpora seja em seu texto seja em seus legisladores a marca majoritária da presença masculina, essa presença marca relações de poder e de misoginia.



As mulheres desassistidas pelas políticas públicas padecem de todos os tipos de males. Se por um lado a cultura patriarcal não favorece nossa vida enquanto valor de vida, por outro a justiça constituída por homens não nos é favorável. É certo que houveram ganhos em termos de legislação, mas ainda insistimos que os costumes pesam de maneira decisiva, mais que a justiça.

O suicídio de Danila nos faz pensar uma vez mais, na condição de muitas mulheres, negras, jovens que gostam de funk que moram nas periferias que desejam criar seus filhos ou simplesmente realizar sonhos como se formar, trabalhar, ter segurança alimentar e em suma, viver.

Não é a primeira vez que relatamos a morte de uma mulher em situação de rua. Em outro escrito falamos de Andreia, a Cheirosa, que expulsa pela prefeitura de Cuiabá da feirinha ao lado da igreja matriz onde trabalhava, por não poder pagar para ficar, passou a não mais viver de seu artesanato e a perambular pelas ruas do centro.

Ao saber da morte de Cheirosa, a dor foi de impacto grande e um desespero nos assolou por não poder ir em busca de seu corpo. Não sabíamos nem por onde começar, dado primeiro que sua morte só chegou ao conhecimento da maioria das pessoas envolvidas com os projetos sociais no Beco do Candeeiro, mais ou menos um mês depois de seu falecimento. Cheirosa não fazia parte da rede que existe hoje em torno dos moradores em situação de rua, que habitam o centro da cidade de Cuiabá. Fazemos um breve parêntese para dizer que mesmo com muitos buracos, começa a se tecer uma rede de proteção em torno da população em situação de rua em Cuiabá.

Assim, quando a Cheirosa morreu, não havia esta rede, e pouco pudemos fazer, o que fizemos foi em termos de buscar forças para garantir ao menos algumas escritas sobre ela e minimamente, ainda que de forma precária, preservar sua memória. Assim, a dor que nos atravessou no momento em que soubemos da morte de Cheirosa, só foi aplacada quando ao conversarmos um pensamento parece nos reconfortar: “ao menos a Cheirosa não morreu de violência, não foi atirada, nem apedrejada ou espancada.”



Nosso consolo não é assim tão real, porque na realidade Cheirosa morreu sim de violência, a violência sistêmica, praticada por pessoas e agentes dentro dos sistemas de poder que lhe negou, por exemplo: assistência básica. Em vários relatos ela me disse por exemplo sobre a violência policial sofrida, e mesmo sobre a violência de homens que não sabia identificar, mas que eram civis, que a agrediram enquanto dormia.

Cheirosa se foi e nós ficamos ainda na luta, por estarmos ao menos perto das pessoas que estão no Morro da Luz e no Beco do Candeeiro, por fazermos o mínimo próximo a elas. Danila era uma dessas pessoas que lá viviam e uma vez mais no quando de sua morte, nos questionamos sobre nosso trabalho, sobre nosso empenho. Lembremos que lá, há muitas outras, como Ingrid, Samara e Tereza. Todas vivendo sem assistências de tipo algum. Nosso contato com Danila foi esporádico, entre um encontro e outro começávamos a saber sobre a vida de Danila quando a morte a atravessou e então o que nos restou foi ajudar a velar seu corpo, escrever, registrar sua imagem.

De maneira mais ou menos cronológica contamos como foi o processo entre conseguir o corpo de Danila e travar a batalha para que ela não fosse enterrada como indigente.

### III

No dia 19 de Outubro de 2018 ficamos sabendo que Danila tinha morrido. Temos um grupo formado por instituições e sociedade civil em que agrega pessoas em torno da assistência e suporte à população em situação de rua em Cuiabá. Esse grupo intitula-se Grupo de Trabalho POP-RUA. Ele foi instituído como Fórum desde 2016. De lá para cá temos promovido ações em prol da população em situação de rua. Inclusive no último Fórum POP-RUA Danila participou conosco.

No dia de seu velório, o Professor Luiz Augusto Passos, dedicou um momento a lembrar a vida de Danila um momento veio à tona: o momento em que ela dormia na porta do auditório após o almoço pegando um pouco do frescor do ar condicionado, para depois voltar às atividades no período vespertino, onde pode



acompanhar seus companheiros falando junto a pesquisadores e integrantes do movimento nacional em prol da população em situação de rua.

Do dia 19 de outubro ao dia 24 de outubro o Fórum se mobilizou de modo ir em busca da família de Danila, recuperar seu corpo do Instituto Médico Legal para ser velado e preparar um velório na Pastoral de Rua de Cuiabá.

A Pastoral teve um papel importante neste momento pois se localiza no Beco do Candeeiro e acolheu pela última vez a menina Danila. A partir deste momento abrimos um grande parêntese para tratar das percepções da pesquisadora Eliete Borges escrito em primeira pessoa.

Eu Eliete, cheguei no Beco e comecei a primeiro encontrar as pessoas do Grupo POP-RUA, em seguida encontrei a família de Danila, a quem cumprimentei e abracei. Fiquei entre uma espécie de contemplação e a tentativa de reconhecer as pessoas que estavam no Beco aquele dia. Encontrei o Magrão, o Adir e outros moradores conhecidos do Beco mas a quem não reconhecia, encontrei outros a quem reconheço de figura mas que nunca “me deram bola”, daí não saber quem é.

As pessoas se espalhavam entre a praça recém reformada e o Beco do Candeeiro. Corria agua abundante no Beco, reparei que haviam instalado uma mangueira e que havia um tambor grande de plástico, não demorou para que eu visse um dos moradores tomando banho e lavando a sua roupa no próprio corpo.

O morador tomou banho vestido de forma que ao mesmo tempo que lavou seu corpo também o fez com sua roupa, se foi caminhando em direção contrária à minha de forma que pude acompanhá-lo pelas costas em seu caminhar limpo e fresco. O calor de Cuiabá é tão intenso que favorece esse gesto econômico, por um bom tempo ele permanecerá fresco pela umidade da roupa, também estará limpo e disposto a caminhar. De uma maneira extremamente inteligente o morador driblou a falta de privacidade característica da rua e a necessidade de um bom banho, de se refrescar do calor de 40º, além da necessidade de vestir uma roupa limpa. Observo a vida cotidiana enquanto espero junto de outras pessoas pelo corpo de Danila.

Entre uma cena e outra da vida cotidiana dos moradores do Beco: um corre, uma troca, um trago, um pedido, uma informação, um olhar atento. Atravessar a rua, voltar do Morro, ir ao supermercado, pegar o corote... embaixo da única árvore uma



espera. Movimento e silêncio, ansiedade, desespero, angústia e apreensão, uma atmosfera de noite em pleno dia escaldante.

O corpo de Danila chega. Até então todos esperavam como que sem acreditar em gestos de esfregar as mãos, andar de um lado para outro, ir e voltar muitas vezes, abanar negativamente a cabeça, olhar silenciosamente para o chão.

O corpo de Danila chega.

Rompe-se o silêncio, passos, correm as lágrimas até então contidas as mãos não se esfregam mais uma na outra agora abrem-se num gesto solidário a segurar o caixão e subir as escadas da Pastoral, em amparar num abraço, em enxugar as lágrimas do rosto do outro. Rompeu-se o silêncio e agora as palavras começam a fazer parte das cenas. O choro de Ingrid, seu desespero é o mais ruidoso lamento.

Ela se debruça sobre o Danila fechada no caixão. Pede para vê-la. Desesperadamente se agarra a uma e outra pessoa pedindo e implorando pra ver Danila pela última vez. A família chora contida.

Passam pessoas que conheciam Danila, ficam um pouco e não aguentando mais vão-se embora num misto de incredulidade e desespero. Desoladas e indignadas. Seus gestos um a um demonstram a preocupação e o medo, um medo terrível ronda a todos nós alí junto de Danila, o de saber que todos somos igualmente suscetíveis, e estamos como ela uns mais outros menos perto do mesmo limite. Digo nós me colocando junto de quem mora na rua para minimamente compreender o que passa em seus corações como uma um sentimento compartilhado.

A partir daí o silêncio não tem mais vez. O silêncio é completamente rompido a partir do momento que Danila chega, primeiramente no choro, nos gritos, nas palavras de desespero de suas amigas e se seguirá nas palavras que Passos profere em nome de Danila. “Se por acaso nosso coração nos censurar em aceitar que Danila possa estar com Deus, lembremos que o coração de Deus é maior que todos nós e que nele não há motivos para censura”.

Foram invocadas as lembranças de cada presente sobre a vida de Danila, nas lembranças sua mãe, ela invocou o dia de seu nascimento da menina Danila. Seus familiares permaneceram durante todo o tempo perto dela. Aos poucos os



moradores forem entrando e trazendo coisas da Danila, uma coberta verde, um ursinho, flores, fotos que os familiares ganharam da equipe Psicanálise na Rua. As fotos foram escolhidas pela mãe e colocadas sobre o caixão de Danila.

As amigas de Danila trouxeram suas coisas para estar junto dela pela última vez, cobriram o caixão com o seu cobertor verde e choraram muito. Ingrid inconformada pedia para vê-la, sua incredulidade era um misto de desespero, dor e revolta.

Ingrid com quem tenho amizade me pede para deixar ver a Danila, vou até a mãe de Danila e pergunto se posso prometer a ela que no cemitério antes do sepultamento se poderia abrir o caixão para que ela pudesse se despedir da amiga. A mãe concorda, volto a falar com Ingrid para que ela possa se tranquilizar ao menos um pouco.

Ela sai.

Vai para casa, que é muito próxima, um pequeno quadrado abandonado cercado por paredes ruindo e com um tecido feito porta. Vou pra rua, lá encontro vários moradores junto de Ingrid soltando fogos, como uma maneira de aliviar a tensão de tudo que está acontecendo e de mostrar de alguma forma que algo que estronda está acontecendo.

Os fogos tentam chamar a atenção da cidade para o fato de Danila morreu. A cidade não para pra ninguém, a cidade para ninguém tem ouvidos todos sabemos. O centro não para. A cidade nunca para suas atividades seja qual for a nobreza do evento, os amigos de Danila sabem disso e tentam desesperadamente chamar a atenção para sua dor, mas a cidade está inerte a essa e tantas outras dores, seja de quem for. Danila está expressa, representada entronдорosamente através dos fogos de artifício, uma, duas três vezes... e depois cessa com os barulhos dos motores.

Depois dos fogos, volto para o interior da Pastoral, enquanto acontece isso no Beco, houveram preces e orações para Danila, mãos que se estenderam sobre seu corpo a pedir por ela.

Samara uma das amigas que esteve presente durante um bom tempo junto de Danila foi para casa, a mesma descrita anteriormente. Ingrid tenta arrumar uma caixa de som e percebo a sua intenção. Me coloco imediatamente em função de



Ingrid. Primeiramente tentamos com um morador que traz consigo uma caixa. Como não o conheço, começo a chama-lo de DJ e pergunto se ele poderia emprestar o som, digo que eu posso me responsabilizar mas ele não confia. Há toda uma troca de informações entre várias pessoas sobre o *pen drive*, o som e quem vai liberar a caixinha para a performance, a música a ser tocada...

**Fig. 01: Moradores de rua**



**Foto:** Emanoele Daiane (2019).

Nesse meio tempo entre conversas atravessadas e “corres”, por conta da resistência de DJ a emprestar a caixinha, ou também a chamada “embascação”, Ingrid joga a caixa de som do DJ no chão, mas em direção a ele, eu corro pra pegar



a caixa saber se não estragou e devolver ao DJ, como Ingrid jogou na direção dele, ele chegou até o objeto mais rápido que eu, eu continuei andando até ele e pedi desculpas, ainda tentei “aliviar” para Ingrid, dizendo que ela estava nervosa, que ele não ligasse para aquilo.

Ingrid vai até à sua casa, que entendo que é também a casa de Samara e era a casa de Danila, lá ela tenta conseguir uma caixa de som. Se demora lá dentro, fico receosa de que ela não volte ou de que decline de fazer a homenagem à Danila e chamo ela do lado de fora sem nem mesmo tocar o tecido que cobre a porta de entrada.

Ela fala que vai pegar o som. Samara sai de dentro da casa já vestida, mas Ingrid ficou na casa. Samara desce para a rua em busca de *crack*, volto para a parte de dentro da pastoral. Fico um tempo e volto para a rua, desta vez encontro Ingrid e pergunto e aí você dançar um *funk* pra Danila, ela fala que sim, que vai pegar a caixa de som e volta para a casa. Samara está na rua junto com alguns homens. Eu fico na “produção”, entre ajudar a focar o trabalho, fazer um ensaio na rua e segurar o caixa para Ingrid e Samara.

Ingrid com a caixa começa a procurar a música, vai passando e escutando partes, selecionando. Samara escuta também e vai intervindo dizendo essa não, essa não... Ingrid é paciente e está concentrada em achar a música que represente uma vivência junto da amiga. Uma música que dançaram juntas e que traga mais uma vez, ela sabe, o sentimento de uma Danila que não mais vive.

Ingrid consegue escolhe as músicas, eu falo: então vamos? Elas dizem espera, a gente precisa “*dar um tapa*” e falo: não é melhor depois? Ingrid me explica: “*não, é assim que a gente fazia*”, ou seja é preciso cumprir o ritual tal qual ele era vivido pelas três amigas. Eu não tenho mais nada a dizer. Digo apenas tudo bem, vou esperar. Me coloco a disposição “ficando na minha” e aguardando.

Elas se viram se afastam uns passos e fumam. Eu estou com o som, sinto o cheiro do *crack*. Espero elas estarem a fim de dançar. Ingrid volta até mim e coloca o som, eu fico segurando enquanto elas se posicionam, Ingrid fala: eu fico aqui e você fica aí, o meio é da Danila. E dançam na rua fazendo uma espécie de ensaio. Um espaço entre elas para a amiga morta o ritual está prestes a acontecer. O ensaio



acontece na calçada do Beco. Na parede entre as duas a palavra VIDA, que faz parte de uma pichação: *vida loka*. Escrita comum para falar da vida em suas dimensões tão extremas que é a vida que se leva na rua.

**Fig. 02: Ingrid**



Fonte: Emanuelle Daiane (2019)



O ensaio acontece alí, na calçada, com a produção feita por duas meninas que arrancaram forças criativas da dor para fazer por uma amiga um gesto de arte, a vida acontecer em meio à morte e à violência, uma homenagem com o corpo. Samara usava um batom rosa forte. Rosa era a cor predileta de Danila. Ambas usavam um boné branco como parte do figurino. O cachimbo e o isqueiro nas mãos e o corpo que dança, o corpo como forma de arte, como condição de possibilidade de expressar o luto, de prestar o adeus a uma companheira de vida. O *funk* como forma de lembrar a memória de Danila, como maneira de dançar em vida, de dançar em morte.

**Fig. 03: Da esquerda para a direita Samara e Ingrid**



**Fonte:** Emanoele Daiane (2018).

Quando dançaram na rua, Ingrid e Samara, guardaram o lugar de Danila, isso é o mais importante de toda a cena e de tudo que foi vivido ali. Ela, Danila, estava alí conosco, entre Ingrid e Samara e mais ela estava ENTRE nós (PASSOS, 2010).



Esse **entre nós** que elas tão bem souberam expressar ninguém mais soube, porque sua ausência realmente causava dor e a maneira de dizer dessa dor era invocar na presença do corpo de Danila a sua presença viva.

Esse **entre nós** estava também entre ninguém mais se importar com o que estava acontecendo e esse **entre um tempo que teve que parar para estar entre nós** alguém que absolutamente não haveria de importar. Essa pessoa, a Danila, esteve entre uma vida na rua que ninguém soube ver nem ouvir, nem ser capaz de não se deixar morrer.

Porque entre estar com essas pessoas e estar junto delas e partilhar de seus mundos não foi capaz de preservar a presença? Essa ausência havia já sido anunciada e essa ausência estava como corpo antes e porque não foi sentida como uma dor?

Porque essa ausência anunciada não teve um significado antes de se tornar uma dor revelada na partida?

Esse estar entre um e outro me faz refletir: ela estava entre nós efetivamente, e porque não fomos capazes de evitar que sua ausência por suicídio fosse pressentida? Porque duvidamos disso? Porque insistimos em achar que viveria Danila? Quando nós nem se quer um mínimo de dor que ela aturava sentíamos, sabemos que pensaríamos na mesma alternativa e que provavelmente nas mesmas condições faríamos o mesmo.

Porque não pensamos assim em relação a quem vive na rua? Se nossa vida é doída, imagina quem nessas condições não encontra nada, nem abrigo, nem possibilidade de vida, porque achar que essas pessoas aguentarão, quando sabemos que nós mesmos não aguentaríamos?

Ingrid e Samara disseram bem, ela está entre nós, mas num entre que é ausência.

Ingrid e Samaara dançaram na ausência de Danila, com seu caixão por entre as duas e Danila alí imóvel, como vencida, não por doença mas sim por não ter condições de continuar com a vida.



**Fig. 04: Velório de Danila**



Fonte: Emanoele Daiane (2018).

### **Em memória de Danila Correa Benitez.**

Freire (1989) nos ensina sobre a identidade cultural, publicizadas por suas amigas ao dançaram em memória a Danila e talvez saibam que existe um deus que dança, nós é que sabemos pouco. Pouco sabemos da vida dessas mulheres (BORGES, 2018). Pouco pudemos intervir ou garantir direitos dentro do sistema patriarcal, onde o gênero feminino é em quase sua totalidade ignorado enquanto potência de vida e muito mais pensado e feito objeto de uso ou força de trabalho. Ingrid, Samara e Danila fogem a esses costumes. Fogem ao que está posto enquanto disciplina do corpo ao que está posto enquanto espiritualidade. Depois desse ensaio retratado na fotografia de Emanoele Daiane, fomos para o interior da Pastoral onde Ingrid e Samara dançaram para Danila e de igual maneira, ambas se posicionaram uma de cada lado do caixão e dançaram *funk*, como mencionado anteriormente. A homenagem à sua amiga havia sido feita. Ao terminarem ambas **RCC, Juara/MT/Brasil, v. 5, n. 1, p. 90-104, maio/ago. 2019, ISSN: 2525-670X 103**



saíram e mesmo a caixa de som ficou pra traz. Fui até elas para devolver e agradecer.

Ainda fiquei mais um tempo junto dos familiares e amigos. Fui-me embora e elas ficaram no Beco com parte dos moradores queriam acompanhar Danila até o cemitério e várias pessoas que ajudaram a viabilizar o enterro de Danila. Caminhei pela praça pensando nas vezes que vi Danila transitando pelo território, atravessada de um sentimento sem nome, sem descrição segui para trabalhar, em meio ao ruído dos carros e da cidade barulhenta com seus muitos compromissos.

## Referências

LOPERS, Eliete Borges. MULHER MORADORA DE RUA: história de vida de Cheirosa In PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira (Orgs. et ali) **Mulheres, Territórios e Identidades**: Despatriarcalizando e descolonizando conceitos. Curitiba-PR: EdCRV, 2018.

FREIRE. Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23. ed. São Paulo: Autores associados, Cortez, 1989.

PASSOS, Luiz Augusto. Cultura: Flecha humana e cósmica que aponta o caminho para os sentidos. In: GRANDO, Beleni Salete. PASSOS, Luiz Augusto (Orgs). **O eu e o outro na escola**: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola Cuiabá: EdUFMT, 2010.